

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO: *O ultimo livro do Sr. Lino d'Assumpção*, por A. A.—Secção Religiosa: *Bodas de Caná*, por P.; *Lourdes*, por A.—Secção Critica: *Irmandade dos Clerigos Pobres*, pelo Padre Raymundo; *A educação e os exames officiaes*, por o ex-alumno do lyceu J. A. B.; *Notas*, por Dom Antonio d'Almeida.—Secção Necrológica, por D. P.—Retrospecto, por D.—Variedades: *Como morre um jesuita*, por Cosar Carmo.

Gravuras: *Bodas de Caná*; *Verdadeira Civilização*.

## O ultimo livro do Sr. Lino d'Assumpção

(Continuação do n.º antecedente)

EM o numero antecedente, viram os leitores do «Progresso Catholico» quaes as disposições de que se acha animado o Sr. Lino d'Assumpção para com o catholicismo: «É necessario aniquilar o catholicismo de vez, atacando directamente o papado», diz o Sr. Lino na passagem anteriormente citada.

Em face d'esta declaração, tão formal, não podemos deixar de embicar com o sub-titulo que o auctor deu ao livro: «Capitulos da Historia Religiosa»...

Capitulos de historia religiosa!... Pois o Sr. Lino está por ventura nas condições de escrever historia religiosa?... Ninguém que tiver senso comum o dirá. A primeira condição a que todo o historiador deve satisfazer é a da imparcialidade; o historiador narra os factos, analysando os documentos com uma critica severa e sem ideias preconcebidas de seita. Sendo isto incontestavel, o Sr. Lino negou o sub-titulo do seu escripto desde o momento que faz, a respeito das suas disposições para com o catholicismo, uma tão formal e explicita confissão. A sua narrativa ha-de infallivelmente resentir-se do falso prisma atravez do qual observa os acontecimentos, que, de perto ou de longe, dizem respeito ás pessoas e cousas da Igreja; ha-de ser necessariamente injusta. O «Catholicismo da Côte ao Sertão» será pois, tudo o que quizerem menos um estudo historico.

E assim é, com effeito. Para que o leitor se convença da verdade da nossa asserção, apresentar-lhe-hemos para amostra algumas passagens do livro.

\* \* \*

Na primeira parte do «Catholicismo da Côte ao Sertão», intitulada «Os Ilu-

guenotes e a Saint Barthelemy», a pag. 37, lê-se o seguinte:

«Luiz Gonçalves da Camara dominava completamente o animo de D. Sebastião. Em Portugal e fóra d'elle só se fazia o que os jesuitas ordenavam. O documento que acabamos de publicar seria ainda uma prova d'essa influencia, se os actos de todo o reinado do infeliz allucinado a não proclamassem sem reboço».

Em primeiro logar seja-nos licito lastimar que escriptor tão «conspicuo», dotado de tão «vastos recursos de imaginação e estylo» não seja capaz de inventar, para combater o seu eterno pesadello, uma fabula que ao menos tenha o merito da novidade.

O Sr. Lino limita-se a reproduzir menos correctamente o que ha muito se disse n'um livro, que é um monumento infame, levantado pela calumnia mais cynica contra uma instituição benemerita, livro que cahiu esmagado sob o pezo do inverosimil e contradictorio das suas affirmações acintosamente mentirosas. A «Deducção Chronologica», hoje, para todo o homem de juizo imparcial, não passa de um livro que nem o frontispicio tem verdadeiro.

E' verdade que o Sr. Lino para mais facilmente transmittir aos leitores a malquerença que o anima contra a sempre illustre e benemerita Companhia de Jesus, na pessoa de um dos seus mais illustres membros, appella para o testimonho de um documento que apresenta a pag. 32 do seu livro.

Lemol o algumas vezes com attenção; porem, confessamos ingenuamente que a nossa rudeza não pôde attingir a força probativa que o auctor lhe attribue. Pois, se nem falla nem allude a Jesuitas, como ha-de demonstrar a influencia que estes religiosos exerceram, não só na côte portugueza mas em toda a Europa, no tempo de D. Sebastião e de Carlos 9.º?

O documento encerra, é verdade, narração da tristemente celebre matança de Saint Barthelemy: se o auctor

admittisse (1) que este attentado teve aos jesuitas por auctores,—ajuntando uma mentira ás que já abundam no livro—, comprehendiamos, de algum modo, que se dissesse ser o referido documento, demonstrativo da sonhada influencia dos jesuitas. Assim... as affirmações do Sr. Lino provam muito preconceito sectario ou muita ignorancia dos principios mais rudimentares da critica historica.

\* \* \*

Notem os leitores porém, que o Sr. Lino d'Assumpção como desconfiando que nem todos julgariam o documento que, como *benemerito das letras e historia patrias*, restituiu á luz da publicidade (2), assaz comprovativo das imaginadas influencias e maquinações jesuiticas, faz amplo appello—como contraforte da demonstração—aos «actos de todo o reinado do infeliz allucinado.»

O Sr. Assumpção chama allucinado a D. Sebastião a esse principe tão sympathico como infeliz, a quem Chateau-

(1) A nosso vêr desde a conjuração de Amboise e do exterminio de Renadeau que a corte ficou pensando n'uma extincção do calvinismo por meio do assassinato traçoireiro, tanto no animo italiano e *condottieri* da filha dos Médicis. Catharine nunca abandonou essa ideia. Transigia, fingia esquecer, dava generosos perdões, cercava-se de calvinistas, apoiava-os por vezes, mas a ideia fixa predominava, vinca-se-lhe no cerebro e luzia no meio de todas as suas tenebrosas maquinações politicas e palacianas como unico pharol de esperança; e, vou mais longe, era mulher para ter indifferentemente pensado na extirpação dos catholicos, se elles acaso fossem a minoria do paiz! Charles não foi albeio á ideia da destruição dos inimigos por meio da carnificina, mas persistia menos nas intenções...

(Cath. da C. ao S., pag. 44).

(2) «Cabe aqui o documento do «Segundo Tomo das Cartas da Europa». Do anno de 1560 até o anno de 1573, «que portenou ao collegio dos jesuitas do Coimbra e existe na Bibliotheca de Evora. Cod. CVIII...»

(«Cath. da Côte ao Sertão», pag. 32).

briand não duvidou chamar «o grande rei portuguez» (1). E hom é que os escriptores estrangeiros illustres merecidamente a memoria dos nossos que injustamente menosprezamos.

A nosso vêr D. Sebastião foi um allucinado como allucinados são todos os grandes homens que conflam à boa ou má sorte de uma empreza os destinos de grandes nações: e d'esses allucinados falla muita vez a historia com merecido louvor.

As emprezas que rasgam mais largos horisontes à prosperidade d'um povo são quasi sempre filhas da audacia. muitas vezes temeraria; e os povos que não sabem ajuizar das accões pelo que ellas são em si, exaltarão às nuvens os felizes e anathmatisarão na desventura os que, a serem venturosos, os teriam elevado ao grau supremo de gloria.

D. Sebastião teve a desdita de ser incluído na classe dos infelizes; se a caprichosa fortuna lhe não fôra adversa, nada lhe faltaria para occupar na historia patria o logar destinado aos heróes.

Respeitemos ao menos a memoria do rei soldado e christão: e se não podemos, ao passar em face do seu tumulo, relembra as façanhas do conquistador, devemos comtudo venerar,—n'estes tempos de egoismo dissolvente—, o cavalleiro christão e desinteressado.

E se fosse verdade que os actos do reinado de D. Sebastião proclamam a influencia dos jesuitas no animo do rei portuguez, seria caso para felicitar a memoria dos mestres, que conseguiram incutir no espirito do discipulo, cercando de todas as seducções de uma côrte faustuosa, um character generoso e varonil, como convem aos grandes reis: nem nós os que vivemos n'este fim de seculo, em que o escandalo torpe veteja como planta damninha nas quasi ruinas da nossa sociedade, podemos comprehendêr a mascula belleza do espirito christão do infeliz monarcha.

Não desconhecemos porém, as vistas do auctor ao referir-se à pretendida influencia dos jesuitas, e nomeadamente do Padre Luiz Gonçalves da Camara, nos actos de todo o reinado de D. Sebastião; o Snr. Lino quer tornar os filhos de Santo Ignacio responsaveis

a) da infeliz jornada de Africa e

b) do insuccesso das tentativas para a realisação do casamento de D. Sebastião.

(1) Chateaubriand, *Histoire de France. Analyse raisonnée* t. 2.º pag. 87 (Paris, 1837). Junto do grande rei portuguez... quão ignobes e pequenos parecem esses favoritos da fortuna, esses príncipes tão pouco dignos da sua alta gerarchia. Chateaubriand põe em parallelo o que se passava em Portugal, ao tempo da infeliz jornada da Africa e o que se passava em França com os validos de Henrique 3.º

Porém quem não vê que estas accusações se destroem por si mesmas?

Será verdade que o Padre Camara e seu irmão, exerciam, como affirma o auctor com muitos da mesma eschola, uma influencia absoluta no animo de D. Sebastião?

N'esse caso não lhes convinha que o discipulo, tão docil e submisso, fosse arriscar a vida nos areas africanos; pensassem de outro modo e dariam provas de uma falta de amor às proprias conveniencias e interesses que, está-nos parecendo, o Snr. Assumpção querera deixar de reconhecer lhes.

Ou, ao menos, se o rei teimasse em arriscar a vida em porfiosa lucta contra os inimigos da fé, deixasse garantida a successão ao throno por um descendente que manifestasse inclinação decidida para o *ascetismo* do pae e do bisavô.

D'est'arte ou o auctor do «Catholicismo da Côrte ao Sertão» falta à verdade historica, quando affirma a influencia absoluta dos jesuitas no animo de D. Sebastião, ou quando os accusa de instigadores da infeliz expedição africana, sem que a successão ao throno estivesse préviamente garantida.

De mais, os documentos historicos provam exuberantemente que o Padre Luiz Gonçalves da Camara, confessor do joven principe, não desviou a D. Sebastião do matrimonio. Este era um mancebo de costumes austeros e christão às direitas; e por isso não desperdiçava o vigor da juventude em mil torpezas que em nossos dias arrebataam os successores às familias reinantes da Europa. D. Sebastião pertencia à raça dos fortes, que, em que peze a certos espiritos, só o catholicismo sabe forçar.

Com ser assim porém, falsearia a verdade historica quem inculcasse que o neto do rei piedoso não havia resolvido procurar esposa, uma vez que assim o exigiam ponderosissimas razões de estado. E procurou-a, como mostramos no proximo artigo.

Paredes 10—2—92.

(Continua)

A. A.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### Bodas de Caná

(Vid. p. 42)

«E estava alli a Mãe de Jesus».

**C**ELEBRAM SE umas bodas em Caná da Galiléa, ás quaes foi Jesus com sua Mãe e seus discipulos. Difficil é reproduzir o puro entusiasmo dos moradores de Caná, ao verem

o Salvador no meio d'elles em dia de inolvidavel recordação. A' compita, cada qual mais se esforçava por contemplar o Filho de Maria, de quem se narravam factos admiraveis, e ouvir sua palavra deleitosa por de mais competente para confundir os doutores da lei. Todas as mães pressurosamente se acercavam da Sancta Virgem, apresentando lhe sollicitas os filhinhos, para que lhes obtivesse uma benção de Jesus!

Que ditosas são as aldéas perdidas nas anfractuosidades da montanha ou na vastidão das planicies, quando sentem a presença de Jesus! Bodas, sobre toda a ponderação merecedoras de inveja, se o Deus Humanado lhes vem presidir!

Em Caná, ao ir em meio o banquete, quando a alegria rumorejava por todas as partes e docemente animava todos os rostos, repentinamente uma sombra envolve a fronte dos esposos.

Maria, mulher e mãe, comprehende o que se passa; adivinha a magua dos donos da casa, e inclinando-se a Jesus, murmura-lhe apenas: «Não teem vinho».

Oh! palavra admiravel; supplica de voz compassiva, manifestada sem vaidade, sem ruido, sem chamar attentões! grito ejaculado por um coração enternecido!... Tanto Maria é boa para todas as miserias, aneosa sempre de fazel-as conhecer a Jesus! Se fôra assim a nossa oração, fundada na caridade e na humildade, jamais ficaria sem mover a ternura do supremo Senhor.

«Não teem vinho». Maria, interprete do futuro, vê muito além das bodas de Caná: não são apenas os naturaes da Galiléa os convidados d'este dia de festa, são os povos do mundo inteiro; não significam as bodas de Caná tam somente a alliança entre dois mortaes, mas a união ineffavel do Filho do Altissimo com a humanidade abandonada. E' por isso que a oração no coração da Mãe de Deus attinge uma sublimidade maravilhosa. Em presença de tantos filhos de Agar, perdidos na amplidão do deserto, para alli morrerem de fome e sede, Maria implora um alimento substancial, um vinho que dá conforto.

Ouvistes, povos, a supplica de Maria?

Vinde, vinde assentar-vos ao banquete do Cordeiro, no qual não falta vinho generoso e cópia d'um alimento que fortifica.

«Não teem vinho, diz S. Bernardo; falta-nos o vinho que alegra o coração do homem, não o vinho que instiga a luxuria, mas o vinho que gera virgens, segundo as palavras do propheta. O' Virgem Sancta, fostes eleita dispenreira d'esse vinho que dá vida; na

mão ostentais uma taça de vinho puro, o vinho do Divino amor. O soberano do universo. dizei, dizei a vosso amavel filho: «Elles não teem vinho. Oh quanto é bello o calix d'esse vinho inebriante, vinho que aquece, inflamma, enche de coragem e inun-la de jubilos o coração do homem. Eis o vinho que esperamos de vós e por vós; e não sómente o vinho, senão tambem o pão, esse pão de que diz a Escripura: «O homem comeu o pão dos anjos, o pão que é vosso Filho mesmo.»

\* \* \*

«Elles não teem vinho». Jesus respondeu: «Que ha de commum entre mim e vós? Não é ain-la chegada a minha hora.»

Pessoas ha na Igreja de Jesus Christo que se perturbam por esta palavra, esquecendo a asserção do melhor dos filhos a mais caroavel das mães, sem penetrarem o sentido occulto do Salvador. Jesus fez pura e simplesmente o resumo das grandezas de Maria antes de operar o primeiro de seus milagres.

*Mulher!* Assim, no principio, nomêa Deus aquella que deve de salvar o mundo. «E-tabelecerei, diz o Senhor a serpente, um combate entre ti e a mulher e ella te esmagará a cabeça.»

*Mulher!* E' ella que o propheta indica pelo nome de *immutavel, que illuminaria a sua casa como o sol erguendo-se sobranceiro ao mundo nos outros divinos; a que guarda em seu coração os mandados de Deus, semelhantes aos fundamentos eternos collocados sobre um rochedo, aquella emfim que a Sagrada Escripura evocava com todas as forças: Quem encontrard a mulher forte?*

*Mulher!* Eis a promettida de Deus e desejada dos homens, cuja figura os prophetas esboçaram tanta vez: «A immaculada, minha Mãe, que de pé se ha de conservar juncto de minha cruz para redimir os homens. Sempre se achará a meu lado, participe de meus trabalhos a minha gloria! Praz-me exaltar os que se escondem e dar-lhes um manto de gloria e immortalidade.

«*Mulher!* Vós que sois o resumo e o typo de todas as qualidades de vosso sexo; vós, tam boa, tam complascente para os desgraçados, que ha de commum entre vós e mim?»

Era o pensamento de Jesus: «O' minha Mãe, tam excelsa perante os seculos, tam dilecta a meu coração, como conseguistes adivinhar o meu pensamento?» Tal foi a resposta do Homem-Deus. Hoje ainda os orientaes empregam igual formula: «*Que ha entre mim e ti?*» quando teem de manifestar com unidade de idéas. «Não sou por emquanto a minha hora»; não quizera an-

nunciar hoje a minha divindade, mas vós, *Mulher*, tal imperio exerceis em meu coração, tanto vos amo, que não posso resistir ao que ordenais. «Que ha de commum entre vós e mim?» Ah! sois a dominadora do meu pensamento! Tanto vos amo!»

«Jesus, diz S. Cyrillo d'Alexandria, apressa-se, para contentar a Sancta Virgem, a realizar o que seguudo sua vontade desejara differir; em seu proceder imita o que mais tarde fará com seu Eterno Pae no jardim das Oliveiras: «A vossa vontade se faça e não a minha!»

Maria, conscia do profundo sentido das palavras de seu Filho, não hesita em dizer aos que servem: «Fazei consoante elle vos ordenar.»

«Entanto que Jesus, nota Sancto Thoma, a instancias de Maria se dispõe a dar prova de sua bondade, os creados, á voz da Sancta Virgem, preparam-se para obedecer. Maria é medianeira, como a veremos sempre; attrahe sobre os homens a benção do Eterno e insinua-lhes como devem corresponder-lhe; inclina Deus benignamente para o homem, eleva sollicito o homem para Deus; a um implora misericordia, ao passo que ao outro persuade obediencia. Com influxo omnipotente move a um tempo a vontade do Filho e a vontade dos servos. Por intermedio seu, flue o vinho em abundancia para todos os convidados, pois duas coisas eram necessarias para que assim acontecesse—a commiserção de Deus e a submissão do homem.

«Fazei consoante vos ordenar.» Havia alli seis amphoras de pedra, destinadas á purificação usada entre os judeus, levando cada uma duas ou tres medidas. Disse Jesus aos creados: «Enchei as amphoras d'agua». E encheram-nas até á bocca. E Jesus continuou: «Tirai-as d'ahi e levai-as ao dispenseiro.»

«Sim, *levai-as*, porque a hora de meu Pae antecipou-se pelas supplicas de minha Mãe; levai-as, não com a agua que ahí lançastes, mas com vinho precioso em que a agua se converteu obedecendo a uma palavra omnipotente. A' similhaça de minha Mãe, quero que nada vos falte no dia d'hoje. Sempre me hei de inclinar ao seu rōgo, «et erat subditus illis» e ao vosso quando seja semelhante ao d'ella.»

Bebe-se ainda á palavra de Jesus, bebe-se um vinho que dá vida—prodigio assombroso, documento da omnipotencia do Salvador, que nos revela um grande Propheta, um enviado de Deus, no Filho da Mulher singular, cuja caridosa intervenção obviara á imprevidencia dos esposos.

Importa inclinarmo-nos deante de Maria, assidua medianeira, que nos obtem as graças do céu. *Omnipotentia*

*supplex*, chama-lhe Sancto Epiphanio: *destroe* o abysmo infinito, cavado entre a creatura miseravel e o Ser encreado e misericordioso.

Pobres indigentes que nós somos, não esqueçamos jamais o exemplo de Maria: saibamos curvar o joelho. «Quanto em meu nome pedirdes a meu Pae, tanto vos será concedido.» Elevemos os corações para a nossa Patria, õtemos o céu, de mãos unidas clamemos: «Padre Nosso, que estais no céu dai-nos o pão de cada dia.»

Pão para o corpo, que sem elle este *companheiro da alma detel-a-ia* na viagem para a eternidade. *Pão*, isto é, luz a desfazer as trevas pavorosas da noite, força a animar na extensão do deserto, amor, amor ao Deus compassivo, sem o qual nos aggride o desfallecimento, nos saltêa e derriba em terra o inimigo! *Pão*, isto é, esperança que nos seja penhor da immortalidade, já que em torno de nós impera a morte, e o anhelto dos homens não é mais que uma illusão. *Pão*, Senhor, pão! Não queremos a morte, mas a vida no vosso amor, para eternamente no paraíso cantar entre os vossos Anjos: «Sancto, Sancto é o Deus senhor dos exercitos!»

Por Maria, *omnipotentia supplex*, enviemos nossa prece a Deus. O filho a quem o pae recusa attender, dirige-se a sua mãe e por ella obtem quanto deseja. Maria é a nossa Mãe; prostrados a seus pés, digamos-lhe confiadamente: «Mãe ternissima olhai quanto damno me vem de não ter esta virtude!» Promptamente a Virgem vos ha de comprehender.

Assistam, pois, Jesus e Maria a todos os nossos banquetes, aos varios actos solemnes da nossa vida, se queremos memorar-os sempre sem o pungir do remorso. As diversões perturbam uma hora? E' então a hora fatal.

Quando porém volta a hora do silencio, e as luzes se apagam, e ficamos a sós no meio da desordem e d'uma atmospha viciada, oh! terrivel vácuo n'esse instante nos apavora! A alma, em vez de se elevar e fortalecer, succumbe sobre si mesma, e solta este lamento de agonia: «Tédio! Desalento!»...

O remorso despedaç-a cruelmente; perpassam em redor umas sombras vãs, ridiculas, pavorosas, que lhe repetem em tyrannia inaudita: DESGRAÇA! DESGRAÇA!

Ha pois umas festas no mundo que é preciso fugir-lhes. A'quellas a que formos, seja como Jesus e Maria e os discipulos ás bodas de Caná. Não fazemos milagres? Deixe porém alli a nossa presença uma impressão salutar, um como reflexo de Jesus e de Maria.

Voltando á placidez de nosso aposento, a recordação d'um sancto jubilo encherá nossas almas, porque n'ellas rei-

nou uma intenção recta, uma pureza incontaminada.

Ah! bodas puras são as do Cordeiro immaculado. No céu, celebra-as-emos por uma eternidade sem fim. O' minha alma, não te esqueças nunca que o teu esposo verdadeiro é Jesus, e sua Mãe, Maria Immaculada, que d'elle obtem tudo quanto lhe pede.

P.

## Lourdes

**E**SCREVE-NOS um feliz morador d'aquella região abençoada: «Estará V. informado talvez das festas que se preparam para 11 de fevereiro, 34.º anniversario da primeira appareição da Sanctissima Virgem á innocente Bernadette. Quatro prelados annunciaram já sua assistencia, tendo as cerimoniaes religiosas de ser presididas pelo digno Bispo de Coutances. Certos jornaes anti-religiosos, no intuito malevolo de impedir aos peregrinos suas visitas á Gruta, propalam a noticia de graves epidemias devastando esta provincia, como a variola e a influenza, sem se lembrarem que estas enfermidades teem por outras partes causado muito maior damno que por aqui. E' que em taes narrações sobeja sempre a exaggeração escandalosa.»

Foi pois o dia 11 uma nova data consignada com letras d'oiro no coração dos fleis, precioso livro das glorias de Maria. Presidiu ás festas esplendidas, como só em Lourdes sabem e podem fazer-se, o Em.<sup>mo</sup> Cardeal Langénieux, arcebispo de Reims, e não Monsenhor de Coutances. A este coube-lhe o sermão de Vesperas, no qual revelou o seu grande talento, os seus predicados oratorios, o seu notavel fervor. Foi cantada solemnemente a Missa e o Officio proprios, concedidos ha pouco pela Sancta Sé. Um sem numero de peregrinos affluiram de toda a França, e até das nações estrangeiras, acoosos de lucrar o jubileu extraordinario concedido pelo Sancto Padre, jubileu que poderá ganhar-se ainda em todo o mez de maio e nos sessenta dias que decorrem entre 15 d'agosto e 15 d'outubro.

«Lourdes, como disse não ha muito Monsenhor Freppel, continúa sendo a protestação de Deus e da humanidade christã contra o naturalismo, a grande heresia da nossa epocha.» N'este paraíso, onde o sobrenatural nos surge a cada momento, collocou a Sancta Virgem arraes inexpugnaveis, d'onde pe-leja, sempre victoriosa, contra os inimigos da fé catholica. D'ella todo o visitador de Lourdes, como os Magos de Belem, vai fazer depoimento incontro-

vertivel perante os eivados de tantos e tam descommunes erros, impingidos no mercado litterario com o falso titulo de sciencia.

Em 1891, ha pouco findo, 126 grandes peregrinações, ajoelharam n'aquelle solo bem fadado. A França, a Belgica, a Italia, a Alsacia-Lorena, a Baviera, o Wurtemberg, a Hespanha, a protestante Inglaterra, alli mandaram solemniissimas embaixadas.

\* \* \*

Portugal, o Portugal fidelissimo, o antigo propagador da religião de Jesus por todas as plagas do orbe, esqueceu este dever.

E todavia era-lhe bem facil cumprir-o.

Em Lourdes nota-se esta incuria de Portugal. No decorrer do anno alli vão muitos peregrinos portuguezes, isoladamente, cada um quando lhe apraz. Util era se intendessem e fossem juntos: tanto bastara para que imitassemos a Belgica, mais distante que nós, mas que todos os annos alli manda uma peregrinação importante. A peregrinação collectiva fôra uma notavel manifestação de fé; tem inherentes grande numero de indulgencias que d'outro modo se não obtem; promovendo a oração em commum, oração sobre todas valiosa, era de crer se obtivessem milagres para os enfermos que d'aqui fossem. Os preços da hospedagem, e talvez mesmo das linhas ferreas, seriam mais suaves. Não aconteceria (como já tem acontecido) ver-se alli alguem necessitado de confessar-se, sem ter a quem, por não saber a lingua.

Porque nos não unimos pois?

Não fazemos appello aos fleis em geral, fazemo-lhe tam só aos que projectam ir curvar a fronte deante da Virgem de Massabielle, e a estes diremos-lhes: «Unam-se; combinem-se; formem um grupo, um throno de corações aos pés de Maria.»

Não foi uma de suas santas palavras: QUERO QUE VENIAM AQUI EM PROCISSÃO?

Vamos pois ás margens do Gave em procissão. Talvez ande maguada a nossa Mãe por termos sido remissos.

Para Portugal parece mais apropriado do maio ou selembro. Pois esses mezes, este anno com o jubileu extraordinario concedido por S. Sanctidade, estão a incitar-nos.

Ahi fica lançada a idéa como uma semente no campo de Deus. Aqueça-a Maria Immaculada com seu olhar benéfico, fazendo-a nascer, desinvolver-se, crescer, fructificar.

\* \* \*

Voltemos ás maravilhas de Lourdes. Calcula-se excedente a um milhão de pessoas o numero das que no anno ultimo accudiram a alliviar as angustias corporaes e espirituas n'aquelle valle de delicias. Cincoenta e seis bispos e arcebispos alli buscaram conforto e conselho para a direcção e guarda de seus rebanhos. Principes, diplomatas, magistrados, senadores, deputados, nobres da mais alta hierarchia, alli se misturaram com os pobres e os humildes, n'uma egualdade consoladora e ordenada, unica egualdade verdadeira, por aprendida dos labios sacrosantos d'um Deus. Milhares de enfermos, transportados nos braços maternas da caridade, braços de todas as classes, porque a todas ellas pertence a caridade, viram termo a soffrimentos longos e desesperados, ou sentiram na alma a coragem dos martyres, para não fraquearem na alta missão expiatoria em que Deus os quer.

No emtanto, muitos enfermos deixaram o grabato da dôr e levantaram-se entrando no cortejo do Rei dos reis, entre os gritos da multidão: «Hossana ao Filho de David!» Só a peregrinação nacional, de 20 a 25 d'agosto, obteve 120 curas extraordinarias!

E as communhões dadas alli aos fleis? Só as communhões, mais fervorosas que em nenhuma outra parte, são bastante para alentarmo-nos com a plenissima certeza que Deus, como em todos os seculos, continúa a estar com a sua Igreja, dando-lhe forças para repellar a audacia pertinaz de seus inimigos. As communhões, no anno de 91, subiram a 290:530, e as missas celebradas a 29:250!...

Entre tamanho diluvio de graças, quantas conversões, quantas almas prodigas, attrahidas do pasto escasso de animaes immundos á superabundancia dos thesouros celestiaes! Quantos festins no céu pela conversão de peccadores?

O Sancto Padre Leão XIII havia desejado a França toda em Lourdes: n'essa occasião falava a um prelado francez. O anhelos porém do Soberano Pontifice era que o mundo todo fosse a Lourdes. Oh! vão ao menos aquelles que podem ir, certos que o sacrificio feito será retribuido com a munificencia d'uma Mãe e Mãe omnipotente.

A.

## SECÇÃO CRITICA

### Irmandade dos Clerigos Pobres

(Vid. o n.º antecedente)

E, não obstante difficuldades e despesas extraordinarias, a Irmandade

dos Clerigos Pobres não tem deixado de exercer a sua missão benefica, nem de satisfazer religiosamente aos seus encargos.

Em subsidios a irmãos doentes, dispendeu ella em

1888.....	95\$280
1889.....	169\$400
1890.....	702\$200
1891.....	401\$100

As Mezas, sem por forma alguma buscarem retrahir-se aos compromissos da *Irmandade*, teem feito sentir a conveniencia de não serem instadas por emquanto, com reclamações de subsidios, senão por parte dos irmãos que se encontrem em precarias e excepçoes circumstancias.

Na fundação do Monte Pio teve-se em mira, ainda mais o futuro do que o presente dos associados.

Muitos irmãos teem briosamente e espontaneamente cedido dos seus direitos.

O total d'essas quantias não levantadas do cofre, attinge elevado algarrismo, e representa um valioso e importante donativo em favor da communitade—donativo que as diversas Mezas teem encomeiado com palavras de muito agradecimento.

O facto tem-se dado todos os annos. No anno ultimo cederam do subsidio os seguintes irmãos:

- Mgr. Arthur Henrique Bessa;
- Padre Adriano Joaquim Borges;
- Conego Dr. Agostinho d'Almeida Azevedo;
- Padre Domingos Amancio da Silva;
- Padre Manuel Fernandes Nogueira;
- Padre Faustino José Jacyntho Ferreira (parte);
- Dr. Francisco Lino da Silva;
- Conego Hermano José de Faria e Silva;
- Padre Joaquim da Silva Sardinha;
- Padre João d'Almeida Coelho (parte);
- Padre João Antonio de Carvalho (parte);
- Dr. José Ferreira Garcia Diniz;
- Padre José Liberato de Castro Fialho;
- Padre José Maria de Mello;
- Padre José Marques d'Oliveira;
- Padre José Pedro Sant'Anna da Cunha;
- Padre José Rodrigues Portella;
- Padre José Thiago Fontana;
- Padre Luiz Avelino de Figueiredo;
- Dr. Sebastião José Ruas d'Abreu; e
- Dr. Luiz Caetano Pereira.

Do favor d'estes teve a Meza noticia. E' de suppôr que mais alguns irmãos cedessem do direito de serem subsidiados, mas que não chegaram a reclamar nada à Mesa.

A *Irmandade dos Clerigos Pobres*, alem de satisfazer aos seus compromissos,

tem feito algo de muito humanitario.

Tem contemplado alguns sacerdotes estranhos a ella, que, pela circumstancia de serem clerigos e encontrarem-se nas mais pungentes circumstancias de infortunio, lhe commoveram a piedade.

\* \* \*

A sympathia publica não tem deixado de favonear a *Irmandade dos Clerigos Pobres*. Os bons catholicos não são raros felizmente no nosso paiz.

Em numerario recolheu de esmolas em

1890.....	326\$450;
1891.....	646\$550.

O ultimo relatorio dá a seguinte lista:

Anonymo, para obras do Hospicio do Clero.....	328\$000
Anonymo, para obras do Hospicio do Clero.....	27\$000
Anonymo, para o culto de Santa Martha.....	9\$000
Anonymo, entregue pelo Rev. Padre J. d'Almeida Coelho, prior do Real Mosteiro das Commendadeiras de Santos o Novo.....	10\$700
D. Antonio, Arcebispo Bispo do Algarve, para obras no Hospicio do Clero.....	20\$250
Padre Antonio Joaquim Rodrigues, Prefeito do Seminario de Faro (idem)....	1\$500
Conego Antonio Maria Ferreira, Professor do Seminario d'Angra.....	2\$000
Diversos pela hospedagem no Hospicio.....	99\$650
Padre Faustino José Jacyntho Ferreira, Parocho do Olival.....	13\$000
D. Gaudencio, Arcebispo Bispo de Portalegre.....	30\$000
Padre João Antonio de Carvalho, Arcipreste e Parocho de Vianna do Alemtejo....	7\$200
D. José III, Cardeal Patriarcha, para compra de cammas.....	50\$000
D. José, Bispo de Bragança.	13\$500
Mialheiro do culto.....	13\$670
» da sala das sessões	1\$585
» do Senhor dos Passos.....	18\$650
	646\$550

A *Irmandade* tambem tem sido muito favorecida com donativos em especie, como objectos de uso ecclesiastico, livros, e até em serviços gratuitamente dispensados.

Entre todos esses brindes avulta o importante legado do fallecido rev. Dr. José de Souza Amado.

Constitue esse legado metade de uma

quinta que possuia no concelho de Torres Vedras; mais nove contos nominaes em accções da Companhia das Aguas; ainda duas livrarias, e a propriedade de varias edicções das suas obras.

Praza a Deus que os amigos do clero portuguez continuem inspirando-se n'esta corrente de beneficencia, e não cessem de alimentar-a com o seu obulo.

E nem só elles.

As circumstancias do clero do nosso paiz—todos o sabem—não são lisongeiras. E pela ordenação nenhum sacerdote se ligou a voto de miseria nem de martyrio.

Reconheçam isto sequer, quantos teem sempre aceradas censuras que desembestar contra o sacerdocio.

Garantir o futuro aos ecclesiasticos, será estimular-lhes a sollicitude.

Ceda a injusta acrimonia o passo alguma vez, à voz do coração doído e dadivoso.

(Continúa)

Padre Raymundo.

## A educação e os exames officiaes

(Continuação do n.º antecedente)

«Dê-se o ensino mas não se lancem peias ao estudo».

(Relatorio do conselho do lyceu nacional de Lisboa em 1869.)

SEndo o homem, em consequencia da sua degeneração nativa, em extremo cubicoso de prazeres sensuaes e grandezas phantasticas, ha de por força ser muito grande, em tempos de descrença e apathia moral como a nossa, a influencia do liberalismo maçónico, que legitima os desmandos mais vergonhosos das paixões, e faz do homem o unico e verdadeiro *deus presente* no mundo.

Assim o intende Hegel. Esta influencia está mesmo em proporção directa com o intibramento da fé e a relaxação dos costumes.

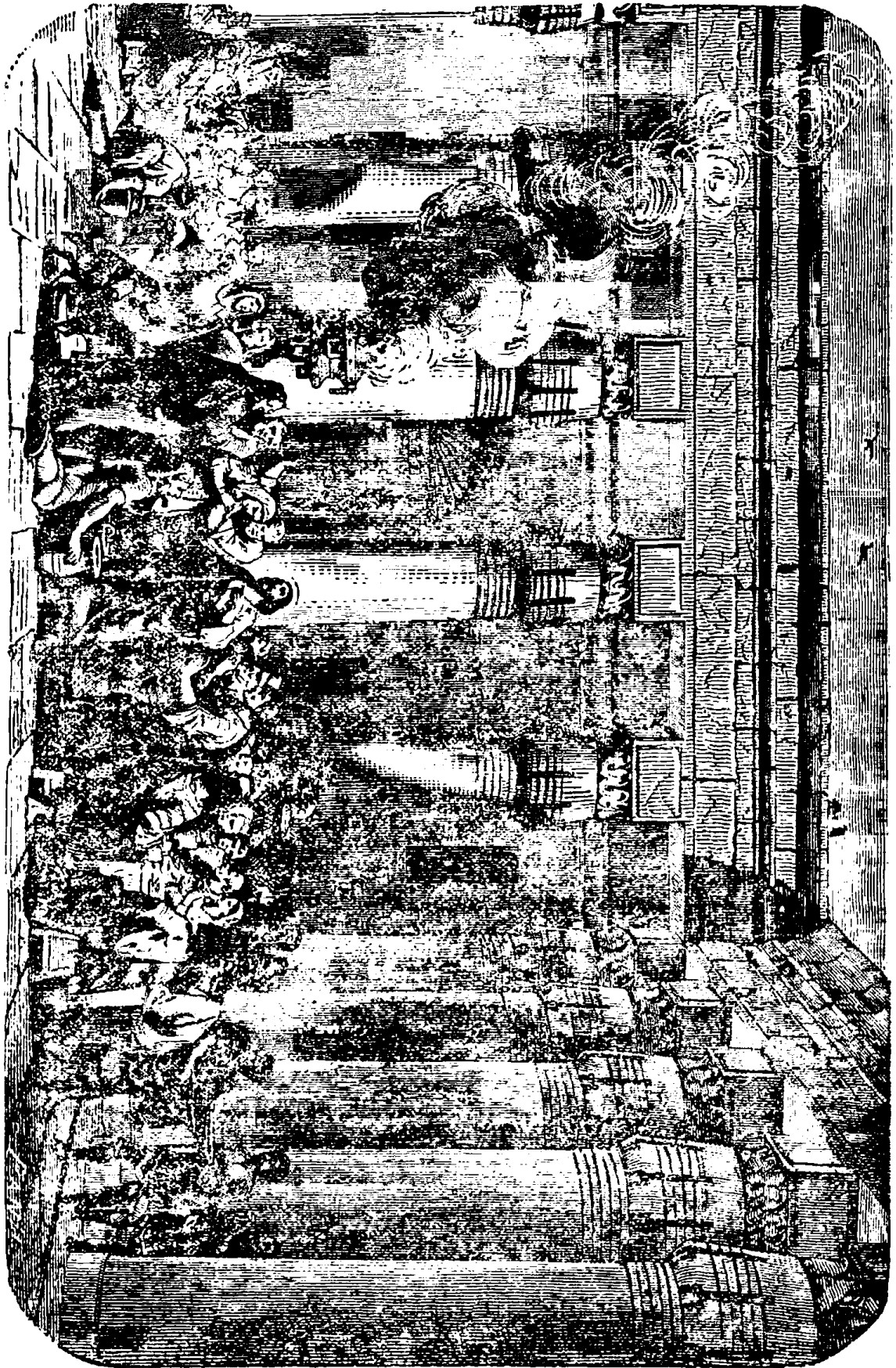
Malfadado paiz o nosso em que se ostenta infrene e sem correctivo effcaz, ha uns 60 annos, o corruptor liberalismo, accumulando ruinas sobre ruinas e degradações sobre degradações, conduzindo-nos assim a uma perdição inevitavel.

Não diremos com o conspicuo auctor do *Portugal Contemporaneo*, aliás muito insuspeito n'esta apreciação, «que somos o paiz mais liberal da Europa» (1) e isso no sentido máu

(1) Oliveira Martins. Advertencia pag. XVIII.



BODAS DE CANA





VERDADEIRA CIVILISAÇÃO

da palavra. Todavia, é forçoso confessar: o liberalismo maçónico, eis o que tem sido e está sendo para nós o inimigo nunca assaz amaldiçoado e perseguido. Foi elle que exercendo brutal ou surrateramente a sua pestifera influencia nos governos, na politica, na administração financeira e economica, no clero e na nobreza, na burguezia e na plebe, nos costumes publicos e privados, na sociedade em geral e nas familias em particular, n'uma palavra em todas as fontes da vida politica, civil e individual, está contaminando tudo, e ameaça subverter a nação irremediavelmente, se ella não rejeitar para longe de si, n'um esforço energico e salvador, o virus maçónico-liberal que a está matando. Ora se tudo entre nós está sendo eivado de liberalismo, não é para admirar, de certo, que o ensino se ministre, desde 34, vasado nos moldes da pedagogia maçónica ou anti christã, que, como deixamos exarado, excluidas a repressão do mal e a doutrinação religiosa — os dois elementos constitutivos da educação verdadeira, conserva apenas o cultivo da intelligencia pela inoculação das diversas sciencias humanas ou a *Instrucção*. Diffundir a luz, vulgarisar o saber, tal é o programma pedagogico do liberalismo, que no desvairamento da suberba cuidou um bello dia ser bastante o dizer: «Faça-se a luz!» para que a desordem, ao aviltamento, á decadencia, succedesse a harmonia, o engrandecimento omnimodo, o progresso indefinido.

Triste, deploravel illusão!

E' facto porém que todo o nosso sistema educativo actual, desde a Universidade até á instrucção primaria, está sendo pautado por este principio em toda a sua força e efficacia, mais clara e perfeitamente que em qualquer outro paiz da Europa.

Esta affirmacão causará talvez admiracão em alguns dos leitores; observe-se porém attentamente o estado da nossa instrucção publica e particular: e ver-se-ha que só se pensa em ministrar aos jovens a instrucção, unica e exclusivamente conforme o estatue o programma maçónico-liberal.

Da correcção das más inclinações, do ensino religioso, nada ou quasi nada; não se pensa em tal.

Qual é a orientacão das eschololas officiaes? Cuida-se alli por ventura da verdadeira educação? Claro que não, por isso que, em consequencia da idéa que presidiu á organisação da Universidade e lyceus, aos professores devem ministrar tam somente o ensino, a sciencia e nada mais, não sendo responsaveis do bom ou máo comportamento dos alumnos, a não ser durante o curto espaço das aulas; demais, o ensino da religião está excluido systematicamente dos pro-

grammas, facto de que se queixava em 1869 um dos lentes mais distinctos do lyceu de Lisboa. E' verdade que no curso dos lyceus se menciona o ensino da philosophia racional, e n'este se poderá dizer que entra o da religião; mas que religião, ou com que desinvolvimento? Apenas se fallará de Deus, mais como uma necessidade logica do que como um principio conservador e providencial. Em todo o caso este ensino da religião natural não é o mesmo, nem tem os mesmos resultados salutaes, que o ensino da religião catholica, a *religião do reino*, como diz a carta constitucional.

Fica por tanto manifesto que nos lyceus de Portugal, (*porque assim approve ao legislador*) não se ensina uma só palavra de religião catholica.

Mas poderá ainda dizer-se: Os conhecimentos essenciaes da religião, aprendem-se no curso de instrucção primaria, e d'elles são obrigados os alumnos a exame, para serem admittidos a cursar os estudos secundarios. A esta observação se responde: 1.º que em taes idades, por falta de desinvolvimento e professores pouco ou nada habilitados, aquelle ensino é diminutissimo e pouco efficaz; 2.º que este mesmo exame tem sido annullado na pratica, sendo prohibidos expressamente alguns examinadores de lhe darem o desinvolvimento, pelo menos, a par das outras disciplinas que entram no exame. Isto é verdade. (1) Assim o disse o snr. José de Sousa Amado, cuja competencia não padece duvida.

Mas desde 1869 tem-se progredido accentuando-se cada vez mais a feição maçónica do ensino em toda a sua extensão; eliminou-se de facto a concessão hypocrita feita ao espirito essencialmente religioso da maioria da nação, e já se não ensina doutrina catholica nem sequer nas eschololas de instrucção primaria, sendo substituido este ensino por uns compendiosinhos de *moral*, dos quaes, os melhores são genuinamente maçonicos. Assim por exemplo, no *Catecismo Popular de Moral* do snr. A. Simões Lopes, não se noméa nem uma só vez o Nosso Divino Salvador, e relegam-se, reduzidos a meia duzia de linhas, os deveres do homem para com Deus, lá no coice do livrinho, sem duvida para que passem quasi que despercebidos.

Toda a doutrina alli expendida é de todo o ponto positivista, utilitaria, naturalista ou maçónica. Nem uma sombra de idéa sobrenatural n'essa moral puramente humanitaria. Verbi grati: qual é, segundo o auctor, a *concepção*

do bem? «E' o conceito que fazemos das *acções boas* pelo effeito agradável que produzem em nossa alma e na dos nossos semelhantes.» D'est'arte, o unico affeido do bem é o *effeito agradável* que produzem em nossa alma e na dos nossos semelhantes! (*Que é sentimento moral?*) «E' o prazer ou o desprazer, que a nossa alma experimenta quando praticamos, ou vemos praticar *boas* ou *más acções*.»

Sim; si quem sabendo as creanças que o bem e o sentimento moral se confundem e identificam com o agradável e o prazer, não tendo o bem e o mal outra sancção a não ser, como diz o mesmo auctor, a *approvação ou reprovação* que a consciencia dá ás nossas acções, segundo são boas ou más, e o castigo para as más acções é o *remorso* exclusivamente, pois que o livrinho não fala d'outro; e teremos uma geração de jovens muito moralizados, respeitosos do dever e cultores da virtude... maçónica!!!

No tal compendiosinho a custo se depara com uma definição que não seja maçónica e utilitaria!!!

Ora este catecismo de moral é incontestavelmente um dos menos máus, sendo adoptado até em casas religiosas... por necessidade. Outros ha porém muito peiores, ainda mal! Se a isto acrescentarmos que nos programas officiaes se acham incluidas todas as theorias ou hypotheses scientificas anti-catholicas, como o positivismo, o transformismo, o darwinismo, etc. etc. etc., forçosamente havemos de confessar que o ensino official entre nós está vasado nos moldes do liberalismo anti-christão, e ser-nos-ha licito dizer o que Mons. Dupanloup affirmou da Universidade franceza: «O nosso ensino official é o maior elemento da dissolução social pela diffusão da impiedade, theorica e praticamente. O mal que estou lastimando, isto é, a educação athéa, não é um mal particular, é um mal publico. Tem sido erigido em systema e systema tal, que aos mesmos homens religiosos é difficil subtrahir-se, máo grado seu, á sua influencia tyrannica! Quantas e quantas vezes tenho ouvido excellentes professores da Universidade lamentarem-se entristecidos por este motivo! Patentarei aqui o meu pensar sobre a fundação e os regulamentos da Universidade? Tenho encontrado e conhecido, e ainda hoje conheço n'ella, muitos homens honrados e christãos sinceros, mas este facto não obsta a que, apezar dos nomes insignes de Bonald, de Fontanes, de Bausset, Emery, Fraysinous e outros muitos, os máus intentos do fundador se revelem demasiado na instrucção... Jamais se inventou um despotismo material ou moral, politico ou religioso, nem mais absoluto

(1) Projectos para a Reforma do ensino secundario. «Diario do Governo» n.º 240 do anno 1869.



nem mais perfeito!... Vê-se, sente-se por toda a parte a *religião* totalmente eliminada da instrução; d'ahi, estudantes sem respeito e desmoralizados, sem christianismo e sem fé.» (1)

Todavia o ensino religioso tem-se dado sempre aos alumnos nos lyceus de França, e ainda hoje, em cada estabelecimento d'instrução secundaria, se encontra um capellão, incumbido do culto e ensino religioso; além d'isso vigora n'elles uma disciplina material muito exacta e até rigorosa.

Que ha de succeder entre nós, onde nem se ministra ensino religioso? Não ha nem pôde haver disciplina nos lyceus, pela simples razão que sendo externos todos os estudantes vivem, passadas as horas d'aula, em plena e absoluta liberdade, n'uma promiscuidade lamentavel!

(Continúa).

O ex-alumno do lyceu J. A. R.

## Notas

**A** REORGANISAÇÃO do Exercito francez custou á França, em 20 annos, 20 milhares de milhões de francos, para pôr em pé de guerra respeitavel 4 milhões de militares, ao mesmo tempo que têm sido proferidas 20 mil milhares de palavras de paz; bem se lhe pôde applicar: *Rés, non verba!* É moda nova andar-se ao contrario de aquillo que se diz; é moda em homens e em governos; estes são da farinha de aquelles, e bem se vê pelo modo como as cousas correm na *Sociedade moderna*, tão podre como enfeitada e cantada por mil buzinas espalhadoras da immoralidade, embora algumas vezes encoberta, e assim quantas vezes mais perniciosa!

Tempos antes quando, não rapidamente, apparecia um escandalo na *Sociedade*, esta ressentia-se, commentava-o e enterrava-o; na *Sociedade moderna* o escandalo é tomado como um fructo do tempo, encara-se pelo *naturalismo* (isto não é a Natureza) e fica na ordem do dia até que appareça outro escandalo, que não se faz esperar; e assim por diante. E' tão repetido que se pôde tomar como immensuravel o uso *hodierno* alcoolico; ás forças humanas, diremos antes, é impossivel medir-o! Do abuso alcoolico são innumeras as consequencias funestas, repetidissimas, n'estes tempos; e não menos com a perda do uso das faculdades intellectuaes, como é attestado pelas estatisticas dos hospitaes de alienados. Ila pouco nos forneceu tambem argu-

mento comprovativo, sobre o que acabamos de mencionar, um dialogo que entretivemos com pessoa altamente collocada n'um de aquelles hospitaes. A *loucura* tem os fóros da *civilização* e do *progresso modernissimos*, nos dous sentidos em que se diz *loucura*. Uma enchorrada de papel e tinta em máu serviço corre por essa Europa! D'este modo como pôde admirar que a desmoralização seja o que é, e possa ser menos do que se apresenta! em 1875 havia 10 estabelecimentos ou casas commerciaes allemãs na China; em 1891 existem 80 das mencionadas casas, o que é mais um argumento que affirma a expansão do alludido commercio; logo depois da guerra gallo-prusso-germanica foi dito que o governo de Berlim coadjuvava, *de um modo mais positivo* as explorações commerciaes, e em Portugal foi notado um novo movimento de *caizeiros viajantes*.—Talleyrand, fazendo o elogio funebre de Monsenhor Bourlier, elogio funebre por isso que *post mortem*, incrustou no mesmo discurso a seguinte passagem com referencia a Napoleão e com relação ás pretensões de este a obter do Papa Pio VII, por intermedio de Monsenhor Bourlier, Bispo de Evreux; disse Talleyrand: «Napoléon étonné de son impuissance, avait choisi des évêques, et particulièrement Mgr. Bourlier pour se rendre auprès du Pape comme porteur des propositions.» Assim vê-se Napoleão I, no auge do seu poder, *impotente convicto ante o Papa*, e recorrendo aos Bispos para que fossem intermediarios entre *elle* e o Papa, e em mais de uma occasião, como é sabido, os Bispos não se negaram *pro bono pacis*, mas ficaram satisfeitos pelas resoluções de Sua Santidade, como Talleyrand o faz ver em seu discurso citado, relativo d *memoria* de Monsenhor Bourlier, Bispo de Evreux. E ha cegos propositados, que pretendem pôr em duvida ou que são mentirosos com a negação do poder do Papa, superior a todos os poderes do Mundo!

—No *Jornal do Commercio*, publicado em Lisboa no Domingo 18 de Outubro de 1891, e no seu *artigo de fundo*, lê se um periodo, no qual se diz: «Que, conhecidas hoje as peças do processo da *Irmã Collecta*, é mister que se dê um *Jury* que não queira ser justo para que os *Jurados* não absolvam a *Irmã Collecta*.» Honra seja feita ao Escripitor, que no citado artigo pugnou pela innocencia. Os injustos sempre foram, são e serão, confundidos por Deus: *Justitia Domini manet in aeternum!*

—Um homem acima do vulgar em sentimentos, instrução e criterio «observou o terem-se dado em grande parte as grandes desgraças em ferrovias nos comboios de folgança nos dias—Domin-

gos e mais Festas de preceito, nos quaes aquelles comboios partem muito de manhã, e *aquella gente* a respeito de Missa *nada*.» Esta observação tem mui grave fundamento, desgraçadamente; a recreação é permittida com tanto que se não falte ao cumprimento dos precriptos, e dentro dos devidos limites. Tristemente a tendencia hodierna é para as faltas em tudo que se refere ás obrigações religiosas, e verdadeiramente sociaes; no inundo a tudo se falta e por tudo *se passa e hoje como nunca*. A sociedade athéa é má arvore; e a má arvore dá máus fructos, como nos o diz a Palavra de Deus no Santo Evangelho. *Athéa*, theorica ou practicamente em seus individuos, está a *Sociedade modernissima*, que de Deus nada quer saber, porem *ha-de sabê-lo embora não o queira!*

Dom Antonio de Almeida.

## SECÇÃO NECROLOGICA



Em Sancto Thyrso falleceu o distincto facultativo Joaquim Anacleto da Silva Pedrosa, pae do nosso antigo assignante, digno Parocho d'aquella villa, o R. Padre Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa.

Terminando a vida terrena, só lhe são de valor as preces das almas piedosas; imploramol-as com viva instancia de nossos generosos leitores.

D. P.

## RETROSPECTO

### Chronica

*Portugal*.—O boletim da patria inferna não é animador. Estamos pobres! Não; estamos podres!

Cada dia vem á exposição uma nova lastima. A imprensa liberal tem exhibido peccados, que fazem horror, pela hediondez, pela quantidade, pela impenitencia! Ambos os partidos preponderantes da politica portugueza tem á sua conta um libello, que não sei de ninguém, com uns longes de pudor, animado a gloriar-se de ser paladino de qualquer d'elles. Das tribunas parlamentares tem sido annunciadas verdadeas pungentissimas que requerem o

(1) De l'Education 1 vol. pag. 44.

rigor todo do nosso código penal. Ai d'um misero recebedor ou fiel da repartição postal, se sobre desvio de valores lhe fôra imputada a milionesima responsabilidade das culpas que pesam sobre os srs. Antonio de Serpa ou José Luciano! Já a policia o tinha arpoado, e o poder judicial dispunha-se a outhor-gar-lhe um posto em Pungo Andongo com eterno descredito entre os seus concidadãos.

Para remir as culpas d'outrem, veiu-nos um Messias dedicado, o sr. Oliveira Martins, com o evangelho de 28 de janeiro, obrigando as viuvas, os or-fãos, os infernos sem casa e sem pão, a serem postos ao desamparo, porque nem asylos, nem albergues, nem hospitaes, os poderão d'oravante receber como até'qui. Chegaram nos a vir la grimas aos olhos quando o sr. Oliveira Martins nos enternecia, ha dez annos, dirigindo-se a El-rei em favor d'uma classe miseravel. «Pela minha bocca, dizia o hoje ministro da fazenda, salam oito mil subditos do vosso reino. Peço a V. M. haja por bem que se applique para salvação de suas vidas uma por-ção minima.»

Petrificar-se-ia, em dez annos, o co-ração do sr. Oliveira Martins?

A solução dada ao problema econo-mico mostra bem a profundidade de nossa desgraça. Como na antiguidade, os invá-lidos vêem-se em desamparo. O mal-thusianismo surge no horisonte da nos-sa patria, e a classe pobre agita-se pe-las doutrinas más que lhe tem deixa-do beber e por achar-se agora, de re-pente, sacrificada aos que engordaram.

O snr. Dias Ferreira, perante as me-didas da fazenda, cantou o *Gloria in excelsis et in terra pax*, julgando que tudo estava salvo. O snr. Eduardo d'Abreu duvidou de tam subida ven-tura. Nós duvidamos tambem.

Se estamos pobres, para onde foi o dinheiro? Ha *uma malta que tem suga do o paiz*, disse um deputado na secção do dia 11. Pois aos *herdes da malta* é que devia exigir o Governo o restabe-lecimento das nossas finanças.

Exigil-o-á?

Apenas se fala n'um processo contra o sr. Mariano de Carvalho por mais de 13:000 contos desviados dos cofres do estado para protegerem empresas particulares.

Estamos n'isto! . . .

\* \* \*

*Hespanha.*—Em 10 do corrente fo-ram executados em Xeres quatro anar-chistas: Lebrijano, Lamela, Rusiqui e Zarzuela. Por toda a parte, nas clas-ses operarias, houve grave excitação acompanhada de reclamações relativas ao indulto d'esses infelizes. De Xeres,

Malaga, Barcelona, Santander, Bilbao, Valencia e Cadis, subiram petições a S. M. a Rainha Regente, ficando desatten-didas, por que, no dizer de Chateau briand, se é bella a hora da miseri-cordia, é hedionda a hora da injustiça.

Hespanha executa os perturbadores da ordem; Portugal envia-os para a Africa, d'onde, como affirma um jornal de Angola, pode fugir quem quizer.

Um dos anarchistas deixou testamen-to politico, de grande vantagem para os seus correligionarios. Eis alguns pe-riodos:

«*Presta a comparecer no tribunal de Deus, convém, para descargo de minha consciencia, recordação a meus filhos e licção aos homens, fazer constar publica e solemne-mente, que por desgraça minha professei as idéas dissolventes do anarchismo, enganado pela imprensa anarchista, exploradora da es-cassa instrucção do operario, a quem propina theorias oppostas á justiça e á razão. Quero e desejo que meu filho, os meus companheiros e todos os operarios, saibam quam misera-velmente nos enganam os periodicos anar-chistas, impellindo-nos á desgraça em que me encontro. Estou convencido que muitos dos que nos progaram as suas idéas, olham indifferentes a nossa desventura!*»

«*Aconselho a todos os meus companheiros repillam as proleções que lhes fizerem, quando injustas e desrazoveis, devendo, para bem as conhecer, esforçar-se por ser bons trabalhadores, tementes a Deus e res-peitadores da religião, d'onde se aprende a verdadeira fraternidade entre os homens.*»

A verdade fulge tanta vez nos ulti-mos momentos com lucidez extraordi-naria, porque n'aquella hora o homem só se vê a si e vê a Deus. O anarchis-ta de Xeres tinha a verdade a inspi-rar-lhe pensamentos, bem dignos de ser recommendados a tantos infelizes que se deixam perder na leitura de muito jornal infame.

Operarios: a miude recordai-vos das ultimas palavras de Lebrijano.

—O senado hespanhol tem sido per-turbado por discussões violentas, susci-tadas pelo sr. duque de la Roca, desaffe-içoado das instituições vigentes. Versou no emtanto a sessão de 8 do corrente sobre um assumpto do maximo inter-esse—o projecto de lei sobre o des-canso dominical, sendo approvado em votação nominal por 151 votos contra 23. Os prelados presentes que votaram a favor do projecto foram os de Plasencia, Zamora, Salamanca, Huesca, Sara-goça, Oviedo, Santiago de Cuba, Valla-dolid, Cadiz e Ciudad-Real.

\* \* \*

*França.*—A celebre DECLARAÇÃO dos cardeaes francezes, louvada por todo o episcopado, fez prurido intoleravel no cerebro dos impios governantes, des-prevenidos para este golpe formidavel em resposta ás maçonicas torpezas com os peregrinos francezes e á condena-ção, miseravelmente iniqua, do vene-

rando Arcebispo d'Aix. Ao primeiro as-somo, a furia ministerial intentou inu-tilizar a licção, delatando a DECLARAÇÃO como um abuso ao conselho d'Estado. Não lhes bastava a vergonhosa derrota moral com o processo de Mons. Gouthé-Soulard, iam loucamente adicionar-lhe a que, de certo, lhes traria o dos cinco valorosos purpurados. Em face porém das adhesões rapidas e francas dos restantes prelados, susteve-se o governo, medroso de se vêr deante dos membros todos do episcopado, citados aos tribunaes.

Que fará o governo em tam falsa posição? O que faria qualquer infame: guerreará o episcopado por todos os meios que ser possam, directa e indire-ctamente, ás claras e ás occultas, anhe-lando illaqueal-o, mas nada conseguirá. O episcopado, em França, rodeado por todos os catholicos, é uma potencia in-vencivel. A grandeza do plano que lhe regula as acções é garantia segura d'um triumpho mais ou menos proximo. Os liberaes multicolores raivam desespe-rados, prevendo o seu orgulho subju-gado pelos catholicos, a quem por tam longo tempo espesinharam.

Parece sentirmos inveja de mudar de patria. . . Não, não mudemos; pode-se ser portuguez e catholico, excellente catholico, ao mesmo tempo. E' possi-vel que a nossa aurora esteja mais longe, mas virá por fim: ha de tambem soar a nossa hora de justiça.

Em França a grande maioria dos ca-tholicos (em breve será a unanimidade) abandonam generosos os seus ideaes politicos, para abraçarem denodada-mente o ideal dos cardeaes, que é o ideal do Pontifice, um ideal superior a todas as paixões partidarias.

A bandeira que se desdobra é—a do CATHOLICISMO. Tracta-se de ser chris-tão decidido, postergando paixões e in-teresses para salvaguardar tam só os interesses de Jesus Christo. Republica-nos e monarchicos dão-se cordealmente as mãos para a grande batalha.

O *neutro*, typo inutil em toda a par-te, ténde a desapparecer: ou com Deus ou contra Deus.

O governo francez, inquieto pelo mo-vimento catholico, afana-se em sop-peal-o. Será por certo um erro de que virá a arrepender-se. As proximas elei-ções de França serão o thermometro das recentes variações na politica fran-ceza, pois os catholicos adextram-se já para a lucta em tórno das urnas muni-cipaes.

## Noticias

*Festa de Maria Immaculada.*—Foi notavelmente edificante o preito rendi-do no dia 2 á sua augusta Rainha e Mãe pelos congregantes vimaranenses

em grande maioria pertencentes á classe operaria. Era enlevo contemplar, á noite, a Basilica de S. Pedro, apinhada de homens, n'um jubilo silencioso e reverente, prostados deante do Rei dos reis, tutelados pela sua amantissima protectora, e sentindo agora na alma uma onda de purissima consolação, diametralmente opposta á que d'antes procuravam no theatro ou na taberna. N'aquelle sobrenatural enlevo sentiam-se como esquecidos da terra.

Os congregantes occupam a capella-mor, de medalha honrosamente suspensa do pescoço; a orchestra executa magistralmente o *Veni Sancti Spiritus*; o grande numero dos que n'aquelle dia ancéam consagrar-se d'um modo solemne á Sancta Virgem, postam-se em alas bem ordenadas, empunhando o cirio symbolico da Fé; chega o digno Director da Congregação, o R.<sup>mo</sup> Bento José Rodrigues, orador distinctissimo, a quem o zelo pela salvação do proximo revela os mais preciosos segredos de eloquencia christã; exhorta aquelle grupo de crentes exemplares, ainda ha pouco, alguns, perdidos na praça publica, ignorando que o Pae de familia os queria no sancto labor da sua vida.

Como são felizes agora, postos ao soldo de quem tam generosamente recompensa! A cerimonia encantadora da admissão segue-se n'um banquete de consolação para uns e sancta inveja para outros.

Ha prática animadora para todos, canto da Ladainha, *Genitori*, Benção do Sanctissimo, dispersando cada um a suas casas, levando n'aquelle noite ao lar domestico um reflexo da paz celestial, talvez desconhecido ainda no meio de suas familias.

Actos como este são a correspondencia fiel ao desejo do Sanctissimo Padre Leão XIII, que na sua notavel Encyclica *Rerum novarum*, instantemente nos exhorta: «Premuna-se o operario contra as opiniões erroneas e as diversas variedades de vicio; guiese ao culto de Deus; incite-se n'elle o espirito de piedade; tracte-se de o fazer fiel á observancia dos domingos e dias festivos; seja elle respeitador da Igreja, frequente os Sacramentos que são as fontes divinas onde a alma lava as suas manchas e encontra abundancia inextinguivel de sanctidade.»

Felicitemos pois cordealmente a quantos rejubilam a Deus beneficiando o proximo, mediante solemnidades d'esta natureza, unicas edoneas a ungir o coração do homem d'um balsamo salutar contra as amarguras inevitaveis da vida presente.

\* \*

*Um judeu convertido.*—Na Sé Primaz

foi solemnemente baptisado, com a assistencia de muitas pessoas de distincção, um hebreu, natural de Marrocos. Foram padrinhos a sr.<sup>a</sup> Viscondessa e o sr. Visconde da Gramosa.

\* \*

*Reunião importante.*—Reuniram no dia 8 do corrente mez de fevereiro, em Lisboa, diferentes delegados de irmandades, a fim de representar e pedir ás côrtes a isempção da nova taxa do imposto de rendimento.

Estiveram representadas as irmandades dos Clerigos Pobres, Monte do Carmo, S. Nicolau, Santa Catharina, Lapa, Senhora do Milagre, Santa Catharina (livreiros), Senhora das Mercês, S. Roque do Arsenal de Marinha, e S. Paulo.

Receberam-se adhesões de outras. O snr. Simões d'Almeida, tomando a palavra, entre outras considerações, fez sentir que as veneraveis ordens terceiras estão a par das instituições de providencia, por exercerem a caridade largamente.

Outros oradores demonstraram o prejuizo que a nova lei trará aos enfermos pobres.

Por proposta do snr. Conde de Thomar, resolveu-se representar ao governo.

Foi nomeada uma commissão, composta de Monsenhor Dr. Alfredo Elviro dos Santos, Antonio Martiniano de Moraes, e Antonio Simões d'Almeida, para redigir a representação.

\* \*

*Dizem nos do Funchal.*—Mais uma vez teve a diocese do Funchal a felicidade de festejar o dia 4 de fevereiro, dia que se tornou um dos mais solemnes para esta diocese desde o anno de 1877, em que foi consagrado Bispo do Funchal o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Manuel Agostinho Barreto.

Todas as festas têm por fim comemorar algum facto importante que tenha trazido consigo um grande bem á sociedade, e é o que acontece no caso presente; pois esta data marca uma epocha de regeneração moral do povo madeirense. Na verdade com a entrada do nosso venerando prelado n'esta diocese se viu uma transformação completa, já no Seminario, empregando todos os seus esforços para que alli se possa formar dignos ministros de Deus, já abrindo grande numero de escholares, já mandando fazer missões quasi todos os annos nas freguezias ruraes, já percorrendo as mesmas em seguida ás missões administrando o Sagrado Chrisma, já estabelecendo um sem numero de devoções, avultando principalmente a devoção do Sagrado Coração de Jesus, a da Sanctificação do domingo, a da Sancta Face, a de Nossa Senhora de Lour-

des, a das Mães Christãs, já annunciando a palavra de Deus todas as vezes que se lhe offerece occasião e, n'uma palavra, fazendo tudo quanto pode e deve fazer um bispo, embora lhe tenha acarretado grandissimos desgostos e innumeradas perseguições, contra as quaes tem arrostado com a coragem d'um verdadeiro soldado da cruz. Conscio de que cumpre com os seus deveres, não tremerá deante dos ataques dos seus inimigos e da impiedade.

Porisso é de justiça e mesmo um dever de gratidão da parte do povo madeirense celebrar esta festa com toda a solemnidade.

No presente anno houve missa cantada na Sé Cathedral, á qual assistiu S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, cabido, alguns sacerdotes das freguezias circunvizinhas, seminaristas e grande numero de catholicos, principalmente senhoras das mais illustres familias funchalenses.

No Seminario houve tambem missa cantada e muitos dos seminaristas receberam a Sagrada Communhão, para assim melhor solemnizar esta festa.

De tarde os seminaristas com seus directores foram á capella da Nossa Senhora da Penha de França, capella da residencia de S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, cantar um solemne *Te Deum*, e em seguida dirigiram-se a comprimentar pessoalmente o Ex.<sup>mo</sup> Prelado, a quem n'essa occasião, o subdiacono e alumno do 3.<sup>o</sup> anno do curso theologico, Feliciano João Teixeira Pitta, dirigiu uma tocante allocução, á qual S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> respondeu terminando por lançar a benção e dar o beijamão.

Nos annos anteriores era costume haver um sarau litterario musical, mas este anno infelizmente não poudo ser; porque o Seminario teve de interromper os seus trabalhos durante a ultima metade do mez de janeiro por a *influenza* ter atacado varios professores e aluinnos.

Eis, resumidamente, o que se passou no dia 4 de fevereiro. Vamos a outras noticias:

—A *influenza* que nos quiz novamente visitar, veiu com seu sequito mais funebre do que da primeira vez, de maneira que tivemos a lamentar muitas victimas, tanto na cidade como nas aldeias, e infelizmente ella ainda não abandonou completamente o seu campo de batalha, pois de vez em quando vai fazendo novos estragos, embora já tenha declinado um pouco.

—Entre as victimas da *influenza* temos a lamentar a prematura morte do Rev.<sup>mo</sup> Padre Pedro Varet, capellão do Hospicio de D. Maria Amelia e illustrado sacerdote da Congregação das missões estrangeiras.

—A par da *influenza*, epidemia que por si só é bastante para atlligir os

madeirenses, ha a epidemia monetaria, que tem servido bastante para alguns snrs. negociantes, digo agiotas, enchem os saccos de libras e de meias co-roas e o pobre povo andar mettido no meio do cobre e papel.

—O semanario religioso a «Verdade» que havia suspendido a sua publicação durante a doença do seu redactor principal o Rev.<sup>mo</sup> Conego Ayres Pacheco, reapareceu no dia do seu XIX anniversario; e oxalá que continue na sua bem pesada tarefa; porque é uma verdadeira calamidade se este jornal deixa de sahir, por ser o unico jornal religioso que se occupa em polemicas, defendendo assim as verdades da religião contra os outros jornaes (excepto o «Domingo Catholico» que é uma revista mensal e religiosa) que ou são abertamente anti-catholicos, ou fingindo-se catholicos combatem a religião por detraz da cortina.

\* \* \*

*Judeus na Russia.*—Em 13 do mez findo a infeliz raça semitica foi em Moscow victimada de terriveis aggressões, havendo muitos assassinios, e sendo postos em chammas os mais importantes armazens e palacios que os irraelitas possuam n'aquella cidade. A força publica foi impotente para suster as iras populares, cuja effervescencia está bem longe do periodo de serenidade.

Pobre raça! Escolhida para formar o primeiro nucleo do reinado do Messias, renegou de sua vocação, constituiu-se algoz do Christo do Senhor, e eil a de seculo em seculo, de terra em terra, ensinando ao mundo que Deus existe, que passarão o céu e a terra mas não passará uma de suas palavras. Aquella mesma voz—*Saiamos d'aqui? Saiamos d'aqui?* ouvida no templo antes da destruição de Jerusalem, retumba ainda pavorosa ao ouvido dos descendentes d'esse povo deicida! Para onde elle vai, segue-o a maldição de Deus. Ha desenove seculos que o repellem todos os povos. Modernamente, onde influem as seitas maçonicas, unidas, como diz o *Osservatore Cattolico*, por uma cadeia d'ouro ao judaismo, não falta, na imprensa e fóra da imprensa, que canonicise a raça precita. Será por a não conhecer? Por depender d'ella? Por qual quer ou por ambas as razões. Tanto porém se tem escripto sobre este povo, que só o não conhece quem não quer. Leiam-se *Les Juifs rois de l'époque*, por Toussenel; *Les Juifs*, por A. de Cadière; *Affaires de Syrie*, por A. Laurent; *Le Mystère du sang*, por Desportes; *Le sang chrétien*, por Jab; *La politique israelite*, por Kimon. A *Civiltà Cattolica*, o *Univers* e as obras de Drumond são mananciaes fecundos de co-

nhcimentos relativos aos judeus, cujo dominio no mundo adquiriu tal preponderancia, que se Deus os não confundere, muito haverá talvez no futuro que padecer.

Não queremos n'isto justificar o proceder dos moscovitas: desejamos apenas fazer sentir que onde erguer tenda o judeu nenhum povo viverá tranquillo. E' bom que em Portugal se saiba isto, pois não falta, infelizmente, quem se lembre de queimar seu grão de incenso a quem o não merece.

\* \* \*

*O espolio do Cardeal Manning.*—O grande homem, o santo eminente, a que nos referimos em nosso ultimo numero, elevado ás honras de principe da Egreja, um dos mais notaveis, senão o mais notavel dos cidadãos da Inglaterra, hoje imperio principal das riquezas, deixou uma fortuna admiravel, confirmativa do zelo apostolico, applicada por elle a todas as grandes empresas de beneficencia. O inventario dos bens de Manning não attingiu a verba de... 500,5000 reis! Em metal encontrou se-lhe libra e meia, um schilling, e seis ou oito moedas de cobre!...

Este grande genio, não só quiz a vida eterna, mas ambicionou a maior perfeição, cumprindo o conselho do divino Mestre: «Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e segue-me.»

Os milagres, os martyres, os sanctos, brilham em todos os tempos no seio da Egreja, clamando à humanidade inteira: «Só aqui, no redil de Pedro, está a verdade e com a verdade a salvação.»

Fevereiro—15.

D.

## VARIEDADES

### Como morre um jesuita

Um governador japonês mandou, para lisongear a seu rei, construir n'uma ponta de terra que avançava sobre o mar, uma prisão exposta a todos os ventos. Era um conjuncto de jaulas, nas quaes se não podia estar de pé nem sentado, e onde entravam, livremente, os raios do sol e os rigores do frio. Neste carcere tormentoso agri-lhoou o governador ao Padre Spinola com mais quatorze religiosos, incursos no enorme delicto de pré-garem a castidade, a esmola, a egualdade christã e o amor de Deus. Pensava, ao fazel-os expirar sem apparatus, extinguir o zelo que augmentava com a fogueira.

Que aconteceu? Denunciaram-se como

christãos muitos japonezes, para entrar n'aquelle horrivel encerro, e uma vez alli admittidos solicitaram a honra da aggregação na Companhia de Jesus. Attendeu-os o Padre Spinola, e desde aquella hora ficou sendo a prisão um exemplar noviciado. Ao ter conhecimento d'isto, julgou o governador, por conselho dos protestantes inglezes, que o mais acertado era fazer queimar vivos os denodados Jesuitas.

Volvidos tres annos nas jaulas de Ormura, foram pois levados à fogueira, o Padre Spinola, seus companheiros e os neophitos indigenas. Trinta e tantos christãos haviam tambem de ser decapitados n'aquelle mesmo dia e logar. Encontrando-se os dois grupos de martyres, o Padre Spinola entoou o *Laudate, pueri, Dominum*. Os sacerdotes e christãos, destinados à morte, mais os que estavam entre os espectadores, todos, à uma, fizeram córo a esse cantico jubiloso. Em seguida, proferiu o Padre Spinola uma exhortação inspirada.

N'aquella epocha, os *litteratos japonezes*, ensinados pelos protestantes da Hollanda e Inglaterra, allegavam contra os Jesuitas os mesmos argumentos que hoje reproduzem certas folhas e certos livros. Spinola, no alto da fogueira declarou em poucas palavras, quaes eram as ambições que o dominavam e aos companheiros, e como se regosijava de entrar na posse dos bens que viera procurar.

Em quanto falava, descobriu entre os martyres a esposa d'um portuguez, Isabel Fernandes, em cuja casa tinha sido preso, e perguntou lhe onde estava seu filho, o pequeno Ignacio, a quem elle, quatro annos antes, nas vespersas da sua prisão, ministrara o sacramento do baptismo. Isabel ergueu nos braços o menino, que, como os demais christãos, levava os melhores vestidos, e exclamou:

—Eil-o, meu Padre; vai todo alegre a morrer tambem connosco.

Depois, dirigindo-se ao menino, acrescentou:

—Olha, filho; aquelle te fez christão, e te deu uma vida mil vezes preferivel á que vamos deixar. Pede-lhe a benção para ti e para mim.

Ignacio dobrou os joethinhos, cruzou as mãositas, inclinou a cabeça, e o confessor, provado por vinte annos de martyrio, involto e quasi suffocado das labaredas, estendeu o braço, abençoando o martyr no alvor da infancia.

Um grito de commiserção irrompeu de todos os peitos. Para reprimil-o, deram os juizes o signal da execução e mais de trinta cabeças de christãos caíram a um tempo sobre o solo!

Cesar Carmo.